

BEATA MARIA CRESCÊNCIA PÉREZ

O Corpo de Cristo precisa de pessoas corajosas como Maria e operadoras da Palavra como Marta (Cfr. Lc 10,38-42).

Se a fé não for acompanhada de obras, está morta.

Maria Crescência nos ensina a fortalecer nossa fé em Deus, vivê-la, testemunhá-la e não nos envergonharmos do Evangelho.

A fé é o sal da terra, um bem precioso que deve ser preservado e compartilhado, vivido com uma vida santa, de oração e serviço aos pobres e enfermos.

“MARIA CRESCÊNCIA É SEU NOME. SUA HISTÓRIA, UMA FLECHA PARA DEUS, QUE ENTRLAÇA, EM TÃO BREVE VÔO, OFERENDA E CONTEMPLAÇÃO.

MARIA CRESCÊNCIA É SEU NOME. SEU FOGO, DOCE LUZ, QUE ACENDE MAS NÃO QUEIMA, HUMILDE LUZ DO AMOR”. (Hino)

Edição de conteúdo: Andrea Artal

Ilustração: Gabriel Cannizzo

Desenho: Angel Rivero



“SIMPLES E ESCONDIDA,
VIOLETA DO SENHOR”

1897-2022
NOS 125 ANOS DE SEU NASCIMENTO



2022: ANO DE MARIA CRESCÊNCIA

Neste ano, celebra-se o 125º aniversário do nascimento de Maria Crescência Pérez e o 10º de sua beatificação. Isto nos anima a festejar juntos e celebrar as virtudes de nossa Beata, Filha de Maria Santíssima do Horto, na esperança de sua breve canonização.

Rezemos com fervor ao nosso Pai:

ORAÇÃO PEDINDO A CANONIZAÇÃO DA BEATA MARIA CRESCÊNCIA PÉREZ

“Pai de Jesus e nosso, que por teu Divino Espírito fazes florescer a santidade na Igreja, te damos graças pela Beata Maria Crescência, que te amou com simplicidade, e te rogamos que a glorifiques, para que seu exemplo e intercessão sirvam para a expansão do teu Reino e a multiplicação das vocações à Vida Consagrada. Concede-nos, por seu intermédio, a graça que, com humildade, te imploramos. Por

Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém!

“CORAÇÃO DE JESUS, PELOS SOFRIMENTOS DE TEU DIVINO CORAÇÃO,
TEM MISERICÓRDIA DE NÓS.”

1 - NASCIMENTO DE MARIA CRESCÊNCIA



A Beata Maria Crescência Pérez nasceu em San Martín, Buenos Aires, em 17 de agosto de 1897. Seus pais a batizaram com o nome de Maria Angélica. Era a quinta dos onze filhos de Agustín Pérez e Ema Rodriguez, ambos imigrantes espanhóis. Passou os primeiros dez anos de sua vida em condições econômicas modestas, mas no clima ideal de uma família acostumada a enfrentar e resolver os problemas da vida, com uma visão de fé profunda e sólida.



2. SUA INFÂNCIA

Maria Angélica, na vida familiar, era o encanto de sua família pela ternura e delicadeza com que tentava adivinhar os desejos de todos e pela atenção que dispensava a cada um.

Ajudava a mãe na organização e nos afazeres da casa. Quando voltava da escola, procurava ajudar a todos. Desde pequena, teve uma personalidade privilegiada, cheia de bondade, muito responsável e prestativa. Era tolerante, paciente, alegre, humilde, obediente. Sua palavra se impunha pela bondade e convicção com que a expressava.

Frequentou a escola pública e depois foi interna no Colégio das Irmãs do Horto de

Pergamino, em Buenos Aires. Depois de terminar a escola primária, Maria Angélica permaneceu no Instituto para aprender costura e bordado e obter o diploma de professora de artesanato que, de fato obteve, com o número máximo de votos e a qualificação de "excelente, com menção", em 13 de dezembro de 1914.

Ela foi apontada como um modelo a ser-lhe confiadas várias atribuições e tarefas: especificamente, ela ajudava no cuidado das meninas internas, na higiene, cuidando delas, ensinando catecismo e orações. A doçura, gentileza e compreensão (quando ainda era aluna do Lar) fazia com que todos se comportassem corretamente. Era sacristã e arrumava a Capela do Instituto, incumbências e tarefas que Maria Angélica sempre desempenhava com doçura e amabilidade. Sua piedade profunda e sua vida de oração eram elementos marcantes de sua personalidade.

Nesse mesmo período, fez sua Primeira Comunhão e, em setembro de 1910, foi Crismada.

Habitualmente retornava à família por ocasião das férias, enquanto a família, especialmente a mãe, a visitava, ao menos duas vezes por mês. Além disso, os laços familiares que sempre foram mantidos de forma exemplar, eram também reavivados por correspondência epistolar.

Todos aqueles que a conheceram, durante esses anos de formação, conservaram uma vivíssima lembrança dela como uma pessoa muito simpática, amável e carinhosa, que se distinguia por seu companheirismo verdadeiramente exemplar, impregnado de alegria serena e tranquila. Era muito dócil e obediente com as Irmãs, sempre pronta a ajudar a todos. Gostava de brincar, ajudar na cozinha e bordar.



3. O CHAMADO À VIDA RELIGIOSA

Nos últimos anos da escola primária, nasceu nela a vocação para a Vida Religiosa Consagrada. Aumentando a relação com a comunidade e observando o trabalho das Irmãs do Horto, descobriu definitivamente essa vocação. Ela queria servir a todos e santificar-se por amor a Deus. O que mais lhe custou a deixar foi a família. Nela conheceu o amor de Deus desde os primeiros anos de vida. Afastar-se de sua família, onde se sentia tão amada, foi o primeiro grande gesto com o Senhor. Ela sabia que a dor causada por esta separação seria uma fonte de graças especiais, com as quais Deus a abençoaria no futuro. No coração de Deus Pai, colocou as inquietações de filha e assim, em 31 de dezembro de 1915, aos 18 anos, ingressou na Vida Religiosa, iniciando o postulado e depois o noviciado.

Demonstrava alegria, boa disposição, generosidade, também piedade religiosa e hábitos de ordem, obediência e sacrifício, praticados em seu lar. Ela entrou com um grande desejo de incorporar em sua vida tudo o que fez dela, desde o primeiro momento, uma perfeita Gianellina. Transportada pelo fervor, não tinha meias medidas, consciente de que Deus não pede pouco nem muito, quer tudo. Ela não fazia cálculos humanos ou pechincha. Portanto, o doar-se seria sem limites, sem fronteiras.

A cerimônia da Vestição foi realizada em 21 de setembro de 1916.

Nessa ocasião, mudou seu nome,

segundo o costume da época, para Maria Crescência, em homenagem ao mártir Crescêncio, cujas relíquias estavam no Altar-mor.



4. O SONHO DE DEUS

A sua existência era nutrida por uma fé viva e firme, que desejava fervorosamente abandonar-se em Deus, e desde o início sonhava com isso, como sua filha predileta, porque sabia que satisfaria o seu anseio de santidade.

A manifestação concreta de sua grande fé foi a oração, a união com Deus e a tendência à perfeição, pela frequência regular ao sacramento da reconciliação.

Era assídua na missa e na comunhão diária, na prática da Via-Sacra e do Santo Rosário. Este espírito de oração tinha um objetivo: salvar almas. Sua preocupação constante era o desejo de estender o Reino de Deus por toda a terra, pelo qual orava e fazia orar.

Ela infundia o amor de Deus com doçura: por isso também a chamavam de Irmã Doçura. Esta fé caracteriza-se pelo seu total abandono à vontade divina, o que explica sua serenidade, seu equilíbrio psicológico e espiritual. Seu coração estava no céu e é por isso que

ela se regozijou com a vida eterna para desfrutar de alegria sem fim.

Seu rosto refletia um intenso amor a Deus e ao próximo. A sua caridade era total, mansa, paciente e misericordiosa, generosa com os pobres e os pequeninos. Costumava dizer que Cristo se esconde nos pobres e nas pessoas que sofrem, uma verdade que aprendeu na escola de seus pais. O sonho de Deus realizado na simplicidade de Crescência, nos encoraja hoje a viver a bondade, a serenidade, a alegria, o sorriso na família, na comunidade e na sociedade, para dissipar o mal.



raja hoje a viver a bondade, a serenidade, a alegria, o sorriso na família, na comunidade e na sociedade, para dissipar o mal.

5. OS SEUS PRIMEIROS VOTOS



Depois de dois anos de noviciado, foi admitida à Profissão de Votos. Sua saúde estava boa o suficiente para dar mais um passo à frente. Madura e impregnada da espiritualidade que Santo Antônio Maria Gianelli havia proposto para suas Filhas, ela se dedicou ao estudo, com cuidado e empenho. Naquele clima de oração e silêncio, sua fé corajosa e determinada cresceu.

Quando fez seus primeiros Votos, no dia 7 de setembro de 1919, seu pai, Agustin Pérez, faleceu. Apesar desta notícia, entregou-se a Deus com profunda e filial obediência. O noviciado lhe ofereceu os elementos necessários para seu amadurecimento espiritual na Vida Consagrada; a Graça de Jesus e a mediação de Maria do Horto a ajudaram a superar os maiores obstáculos. Ela passou por um processo interior de obediência: tudo pelo SIM que soube dar a Deus.



6. MARIA CRESCÊNCIA NO COLÉGIO DE BUENOS AIRES

Em 1919, depois de sua Profissão Religiosa, Maria Crescência retornou ao Colégio de Buenos Aires, na Rua Rincón. Nesse ano, faleceu sua irmã mais nova, Maria Luiza. No Colégio, encontrou-se com vinte e duas Religiosas e um grande número meninas estudantes. Começou uma grande atividade, com total simplicidade e entrega. Ela ensinava artesanato e preparou meninas para a Primeira Comunhão. Cumpria seus deveres como ninguém. Oferecia seu sacrifício com alegria. Esperava apenas a ajuda de Deus.

Uma febre tifoide pôs em perigo sua vida durante o noviciado. Isso a deixou muito fraca e ela passou dias sem poder alimentar-se, como o trabalho que fazia exigia.

Vendo-a sempre ativa, sempre feliz, ninguém suspeitava do esforço que ela teve que fazer, mais de uma vez, para enfrentar e ocultar o cansaço e os achaques de sua saúde precária.

Com bondade e paciência, ela conseguiu, aos poucos, conquistar o apreço das meninas mais velhas.

Nessa comunidade, viveu como uma Irmã franca, humilde, amável e sempre pronta a colaborar, mas em silêncio, sem chamar a atenção.

Em 1924, foi transferida para a cidade de Mar del Plata.



7. COMO ENFERMEIRA EM MAR DEL PLATA

No Sanatório Marítimo de Mar del Plata, Maria Crescência começa sua última etapa da Vida Religiosa na Argentina. Viveu com incansável dedicação este novo tempo de Glória e Cruz, dando a Deus tudo o que tinha, para o bem dos filhos.

Ela era uma Enfermeira cuidadosa com aquelas crianças, demonstrando sua caridade e zelo. Conseguia aliviar suas dores físicas e, ao mesmo tempo, inculcar em suas almas o amor de Deus. Era encarregada de duas Salas, com a responsabilidade de cuidar de entre setenta e oitenta crianças. Assumiu seu papel com o entusiasmo e o dinamismo de quem está na tarefa preferida. Notava-se que ela fazia isso com alegria.

Ela teve um cuidado verdadeiramente maternal com os doentes. Estava feliz por poder aliviá-los e, ao mesmo tempo, falava-lhes de Jesus e da Virgem Maria. Atendia as crianças doentes com grande diligência, cuidando de sua alimentação, roupas, ordem e disciplina.

O risco de contágio de tuberculose não lhe era estranho, por isso assumiu o serviço dos doentes com verdadeiro espírito de caridade, considerando-o um ato heroico diante de Deus, um dom da felicidade eterna.

O clima de Mar del Plata não era favorável à sua saúde. As Superiores acharam necessário transferi-la. Em Pergamino, despediu-se de sua mãe e de seus irmãos. Ela foi designada para o Hospital Vallenar, no norte do Chile. Essa mudança lhe custou muito.



8. SUA ENFERMEDADE NO CHILE

Sua estadia no Chile foi dolorosa, devido à separação de sua família e de sua pátria. Obedecia sem reclamar, apenas para servir, com a simplicidade dos Servos e a esperança dos Santos.

O Chile havia sofrido com a epidemia de varíola; os mineiros viviam em condições desumanas. Aí testemunhou um terremoto devastador; as pessoas ficaram desabrigadas; as Religiosas se dedicavam a cuidar de todos os doentes. Elas recuperavam o que era recuperável. A água era transportada de longe, no lombo de mulas. Não havia pão, leite, carne. Barracas foram erguidas para os presos. O hospital era o único centro de socorro. As Irmãs tiveram de dormir vários dias debaixo de uma laranjeira.

Crescência chegou a esse lugar em 1928, depois de uma cansativa viagem, num pequeno e estreito trem de madeira, que levou trinta horas de Santiago a Vallenar.



9. SEUS DIAS EM VALLENAR

Graças aos depoimentos de Delfina Ortiz Morales, que conhecia Crescência desde sua chegada a Vallenar, podemos imaginar a Beata trabalhando na farmácia do Hospital, arrumando a Capela com as flores de que tanto gostava, dirigindo coro, cantando, ocupando-se da cozinha e da rouparia, ensinando o catecismo, fazendo tudo com amor e paciência.

A saúde a acompanhou bastante, durante os três primeiros anos de residência no Chile, embora fosse delicada. Na maioria das vezes, conseguia cumprir suas atividades, dando o exemplo em tudo.

Ela assumiu sua doença com profunda fé. Seu ânimo não diminuiu e, em todos os momentos, prevaleceu sua dedicação silenciosa e pacífica. Confiava em Deus e na Virgem Maria.



Ela sentia que estava sendo chamada para viver para sempre no céu. Este pensamento ajudou-a a superar grandes dificuldades. A dor a unia cada vez mais a Deus.



10. A PROMESSA DE UM SINAL

Em Vallenar não podiam tê-la, porque sua tuberculose era contagiosa. Em Limache não a receberam e ela voltou para Vallenar. De lá foi para Freirina, onde ficou um tempo antes de morrer. Maria Crescência disse a uma Irmã, a Madre Elena, que não se preocupasse porque não podia ficar em Limache e que lhe contaria quando morresse - tal como aconteceu no momento da sua morte, quando sentiram um forte perfume de violetas. Em Freirina, havia um hospital onde eram atendidos pacientes pulmonares e ela ficou lá, internada e isolada. Freirina era o ponto de encontro com a santidade através do sofrimento, da solidão, da incerteza diante da morte e da humilhação da doença contagiosa, que não lhe permitia viver em comunidade. Mesmo assim, ela viveu sujeita à vontade de Deus. Ali suportou as inconveniências da doença com admirável paciência e serenidade, com fortaleza e estabilidade. Transmítia paz e alegria. Ela rezava muito e a oração era sua forte companhia. Passou três meses nesse hospital, depois voltou para Vallenar.

Nas últimas semanas de sua vida, em Vallenar, despediu-se da comunidade religiosa e da cidade. Sua morte em Vallenar, aos 20 de maio de 1932, não foi algo novo para ela: foi mais um passo na vida. Recebeu a Unção dos Enfermos com uma paz e tranquilidade que comovia a todos.

Antes de sua morte, ela teve uma visão do Pai Fundador, Santo Antônio Maria Gianelli, que estava ao seu lado, orando por ela; da Virgem do Horto, que se moveu em atitude de abençoá-la com seu Menino Jesus, que caiu em seus braços, e do Sagrado Coração de Jesus, que a fez sentir sua presença divina e lhe ensinou esta oração: "Coração de Jesus, pelos sofrimentos do vosso Divino Coração, tende piedade de nós...", a quem pediu uma bênção especial para o Instituto e para o povo do Chile.

Morreu sorrindo, deixando todos – Sacerdote, Superiora e Irmãs - profundamente comovidos por tão santa morte.

11. A BEATA MARIA CRESCÊNCIA PÉREZ

Durante sua breve existência, Ir. Maria Crescência encarnava um genuíno espírito de fé, na fidelidade aos deveres do próprio estado, na rejeição do pecado, na piedade filial para com Deus, manifestada na oração contínua e na busca constante da sua vontade.



O zelo pela salvação das almas levou-a a dedicar a sua vida ao apostolado.

No ano 1982, seus restos mortais foram trasladados para Pergamino. O exercício heroico de suas virtudes foi proclamado por São João Paulo II, em 22 de junho de 2004 e, em 19 de dezembro de 2011, o Papa Bento XVI promulgou o Decreto reconhecendo um milagre obtido por sua intercessão.

O milagre que faltava para a Beatificação de Maria Crescência manifestou-se em Maria Sara Pane, que sofria de diabetes infantil e, em 1995, com 23



anos, foi diagnosticada com hepatite. Os médicos que a atendiam deram-lhe três dias de vida.

A única cura foi um transplante de fígado. Nesses casos, ela foi transferida do Hospital Aeronáutico para o Italiano. Lá, uma Irmã do Horto levou-lhe uma pequena estampa de Maria Crescência, a quem a paciente falou como "a uma mãe" e pediu por sua saúde e por seu filho pequeno, conforme seu relato.

Após receber a Unção dos Enfermos, Maria Sara se recuperou. A cura do seu fígado foi tal, que um dos médicos que ia fazer o transplante lhe disse que era "a primeira vez que via que a ciência e o milagre se juntavam".

A vice postuladora, Irmã Josefina Noghedu, acompanhou o pedido de Beatificação, com a leitura da vida e obra da, até então, Venerável.

A Beatificação de Irmã Maria Crescência Pérez, realizada em 17 de novembro de 2012, em Pergamino, foi um dom para a Igreja, no início do Ano da Fé, e uma graça singular para a Igreja na Argentina e para as Religiosas da Congregação das Filhas de Maria Santíssima do Horto.

A Irmã Maria Crescência nos mostra que Deus pode e deve ser amado acima de tudo; que Jesus Cristo é o único necessário, o tesouro pelo qual vale a pena vender tudo; o Esposo, a quem se entregar com amor indiviso; o Senhor, que seguimos até o fim.

Uma vida assim compreendida e vivida torna-se misteriosamente fecunda, testemunho e profecia da Vida plena, serviço e compromisso em favor da Vida, sobretudo onde ela clama porque está mais ameaçada.

“Por intercessão de Maria Crescência, concede, ó Pai, que também nós possamos servir aos nossos irmãos com a doçura da caridade e a força da bondade. A Igreja toda se orgulha desta filha predileta, uma grande benfeitora da humanidade”.

(Oração da Missa de Beatificação)

